

Professor Antonio Meneghetti abre as portas de sua casa à Rede Jauru

Idealizador de um dos maiores empreendimentos do Rio Grande do Sul, Antonio Meneghetti concedeu uma entrevista exclusiva à Rede Jauru de Comunicação no dia 28 de abril

Do surgimento da ideia até o encontro se passaram cinco dias. Marcada para às 16h de domingo, 28 de abril, a entrevista exclusiva à Rede Jauru foi confirmada no dia que antecederia o encontro.

Numa pontualidade exemplar, o criador do Recanto Maestro, professor Antonio Meneghetti recebia no jardim de sua residência, no Recanto Maestro, o diretor-presidente da Rede Jauru de Comunicação, Roberto Cervo, o vice-diretor, Henrique Zago Cervo e o jornalista, Paulo Paixão.

Após a recepção o convite para ingressar a sua residência. Em uma das salas Antonio Meneghetti acomodou-se em uma poltrona vermelha. Simpático, começa uma conversa mesclando palavras em italiano e português. Depois de servido um café o professor assinala para que a entrevista

comece.

Da primeira pergunta a última responde a

se passou uma hora e seis minutos. Meneghetti falou sobre a criação do Recanto Maestro e a escolha da Quarta Colônia para um empreendimento que hoje já soma aproximadamente 20 mi-

lhões de euros. Ontopsicologia e Onto Arte também foram temas abordados.

Professor Antonio Meneghetti, por sua biografia oficial

Ao acessar a sua página oficial na Rede Mundial de Computadores, é possível conhecer um pouco mais deste italiano.

Antonio Meneghetti, cientista italiano de rara formação, é fundador e expressão máxima da Ciência Ontopsicológica.

Sua busca científica, acadêmica e filosófica sempre foi o problema crítico do conhecimento. A partir dela nasce a sua experimentação clínica de mais de 10 anos de pesquisa no âmbito da racionalidade humana, as descobertas formalizadas pela

Ontopsicologia e os Centros de Formação criados em vários países do mundo. A crise das ciências, já anunciada por E. Husserl em 1935, é contínua, e o problema existencial acerca da possibilidade da nossa razão conhecer ou não com exatidão ainda está em aberto. A Ontopsicologia nasce como hipótese resolutiva ao problema crítico do conhecimento. Se quem faz ciência é um homem, então é inexorável que este seja exato, correspondente às premissas lógicas da vida, para assegurar-se como operador de ciência e de sociedade. Portanto, a Ontopsicologia se preocupa com o nexos ontológico, em como reportar a consciência do homem à reversibilidade com a realidade. Seu escopo sempre foi definir e abrir o significado, a presença do critério ontológico na existência, ou seja, responder à pergunta: "o homem pode saber o ser que é?". Esse foi e é o problema constante de Antonio Meneghetti, o homem que restitui a humanidade ao próprio homem.

ências, já anunciada por E. Husserl em 1935, é contínua, e o problema existencial acerca da possibilidade da nossa razão conhecer ou não com exatidão ainda está em aberto. A Ontopsicologia nasce como hipótese resolutiva ao problema crítico do conhecimento. Se quem faz ciência é um homem, então é inexorável que este seja exato, correspondente às premissas lógicas da vida, para assegurar-se como operador de ciência e de sociedade. Portanto, a Ontopsicologia se preocupa com o nexos ontológico, em como reportar a consciência do homem à reversibilidade com a realidade. Seu escopo sempre foi definir e abrir o significado, a presença do critério ontológico na existência, ou seja, responder à pergunta: "o homem pode saber o ser que é?". Esse foi e é o problema constante de Antonio Meneghetti, o homem que restitui a humanidade ao próprio homem.

“o homem pode saber o ser que é?”



JCV - Há 25 anos, a região começou a passar por uma transformação com a construção do Recanto Maestro. Duas questões devem ser analisadas aqui: o porquê da escolha da região da Quarta Colônia e como o senhor vê a transformação que o Recanto causou e que é notória?

Antonio Meneghetti - Em primeiro lugar, posso dizer que eu já conhecia todo o Brasil. Havia falado de uma ideia minha e todos haviam me aconselhado o Nordeste. Fui até lá, vi, observei, de Fortaleza ao Rio de Janeiro, mas não me agradou. Depois, o segundo convite foi para Brasília. À época, o Presidente do Brasil era o Fernando Henrique Cardoso e eu já havia dito que ele seria eleito pela segunda vez. Naquele período, todos riram, porque isso era impossível segundo a Constituição brasileira. Em vez disso, a Constituição foi modificada e Fernando Henrique foi Presidente pela segunda vez.

Em Brasília, conheci os grandes do Brasil, o vice-presidente Marco Maciel, depois conheci Antonio Carlos Magalhães, José Sarney. Eles me admiravam muito e justamente em Brasília me deram uma carta de acadêmico. Em Brasília se começou o curso de Ontopsicologia em uma universidade muito importante. Em suma, conheci um pouco todos os personagens. Eles me admiravam. Experimentei começar em um pedaço de terra, mas não era aquele o lugar, então o deixei.

Depois, quando ensinava em Roma aos jovens mais inteligentes do mundo, de fé católica, havia entre eles também um jovem brasileiro, Alécio Vidor, que era um dos melhores estudantes. Havia feito um bom trabalho científico em Roma e ele, vez ou outra, escrevia: "Professor, por que não vem me encontrar? Fiz tantas coisas no Brasil...". Então eu vim para ver e ajudar esse garoto, se realmente havia feito, e nos encontramos em Passo Fundo. Simpática terra, Passo Fundo. Depois procurei ajudar um pouco, havia um pequeno encontro de jovens ontopsicólogos e a primeira reunião foi realizada em Santa Maria no Itaimbé, um gracioso hotel, e foi algo simpático. Naquela ocasião, através de Pedro Aguirre, eu recebi as chaves da cidade, como hóspede de honra. E também quando visitei a universidade mais importante de Santa Maria havia o vice-reitor que me deixou uma carta famosa, de hóspede honorário etc.

Depois, disse: "Alécio, mostre-me as terras próximas daqui". E vi este lugar, que os locais denominavam de "inferno". Ninguém o habitava. Todos tinham ido embora. Aqui, quando chovia, era impossível chegar

com o carro, chegava-se somente com o trator, da rodovia a qualquer cidade aqui. Era um desastre. Depois, havia o rio que chamam de Sanga das Pedras, sempre forte, que rompia. Não havia a estrada. Então, dei dinheiro à prefeitura para fazer uma ponte para passar. Posteriormente, fiz as estradas e com esse dinheiro eram mantidas 15 famílias da Prefeitura de São João do Polésine. Era dinheiro que começava a ser trazido para cá. Depois encontrei ótimos artesãos, pedreiro, marceneiro, comecei a fazer com eles o pequeno Recantigno. Apenas cheguei e adquiri 30 hectares. E paguei uma boa cifra, mas não era nada para mim. Disse a Alécio Vidor para ele também comprar a terra. Era fácil, porque ninguém queria. Depois vi o local onde eu podia construir a minha casa. Era aqui. Isto é, é uma minha sensibilidade de arquitetura espacial. Sei qual é o ponto. Os antigos romanos, quando construíam algo importante, enviavam um mestre que sentia o local exato de construção.

“ É uma terra virgem que me agradou, ou seja, foi um enamoramento, não foi um cálculo. Agradou-me, um grande homem age dentro da linha do seu prazer de ação. Porque quando eu estou aqui, vejo música! Uma orquestra.... as águas, terrenos... Para mim, é igual ao território que a Bíblia descreve quando Deus criou o paraíso terrestre para Adão. ”

Esta casa onde estamos foi feita muitas vezes, agora me agrada. É adaptada para como eu vivo.

Porém, de imediato, a primeira coisa que fiz foi um pequeno restaurante e uma sala de conferências, porque quando eu vou a um lugar faço uma sala de aula, um espaço para ensinar, um pequeno restaurante e um lugar, um pequeno hotel, simples, para dormir, para as pessoas que se interessam. Depois, aos poucos, como as pessoas cresciam, eu aumentava, aumentava, aumentava. É claro que, num primeiro momento, eu trazia o dinheiro da Itália. Porém, tinha visto que todos os brasileiros daqui do lugar, de origem italiana, tinham medo, envergonhavam-se de serem italianos. Eu não entendia. Certo, sei que houve uma perseguição por causa da língua, especialmente italiana, depois a alemã... Então, detenhamo-nos um pouco aqui porque eu gostaria de fazer um resgate histórico, que começa na Itália, em 1800.

Substancialmente, existia um projeto político internacional. A Itália havia pensado que, em vez de fazer colônias, colonizar com guerra, deveria mandar tantos italianos que quisessem ir. E então houve uma grande organização de Estado, de interesse político, ou seja, enviar para cá tantos italianos de modo tal que o lugar substancialmente fosse ocupado pela inteligência, pelo primado italiano. Porque o Brasil era ainda uma terra muito primitiva, um pouco índia, em suma, não havia uma organização civil, uma organização política. Naturalmente, havia grandes lutas no Brasil. Iniciou a Itália, depois mais tarde começou a Rússia e aqui, na região, estiveram os cossacos, mais de 250 anos atrás. Porque o estilo gaúcho tem muita semelhança aos cossacos. Os cossacos são um grande povo forte, guerreiro, um povo que nunca perde. Porém, depois se desenvolveu uma doença, uma epidemia, e os russos, os cossacos foram embora, e deixaram alguma coisa, alguma tradição. Depois tudo mudou, é claro. Porém, o primeiro escopo não foi a pobreza. Porque a Itália, deixada livre, em um ano se torna a mais poderosa, tecnologicamente a primeira do mundo, mais do que o Japão. O gênio italiano é infinito.

Depois, quando vi Vale Vêneto, tocou-me muito porque me recordava a pequena cidade que eu habitava quando era pequeno, quanto tinha 5, 6 anos, em Vêneto, em Montebelluna, entre Treviso, Pádua, Conegliano, Feltre, Belluno. E a terra, aqui, assemelha-se muito àquela de Belluno, àquela de Valdobbiadene, isto é, as terras do Vêneto que hoje são uma terra de ouro. E, portanto, as emigrações faziam parte de um grande projeto político.

Depois, sobretudo quando chegou Mussolini, ele incrementou essa situação, porque era um modo doce, simpático, de ocupar um futuro, que aqui era imenso. Um futuro de civilização, um futuro de um grande país aliado. Certamente, os Estados Unidos se deram conta disso, e foram muito astutos, também os ingleses. Os ingleses foram os maiores inimigos, ainda hoje são os maiores inimigos da Itália, mesmo se possuem aquele sorriso... O inglês sempre pensa na sua casa, no seu dinheiro e o resto não tem importância. E, portanto, haviam manobras, estratégias escondidas, ocultas. A Argentina foi feita por um tipo de italianos, não os melhores. Os melhores estariam nesta zona como Bento Gonçalves. São Paulo, por exemplo, no início foi feita completamente por italianos. Porém, com a Segunda Guerra Mundial, a Itália perdeu tudo, perdeu aquele primado, aquela influência... também o time brasileiro Juventude, é a Juventus de Turim. Portanto, havia um escopo

de ocupação política, usando a pobre gente, porque os italianos faziam muitos filhos, sendo católicos.

Quando, aqui no Brasil, irrompe o período militar, foi uma política para eliminar a possibilidade de um comunismo bolchevique. A Rússia gastou tanto dinheiro aqui para fazer vencer o Partido Comunista. Não era uma questão ideológica, era uma questão de território, era uma questão de poder mundial. Essa luta nunca terminou. Já no tempo de Napoleão III, que queria fazer da América Latina a nação mais potente do mundo junto com a Europa, por isso a Europa pensava "nós estamos aqui e criamos uma potência além do mar". E foi Napoleão III quem chamou "América Latina". Latina porque o povo que habita aqui é todo de origem latina. Pode ser sobretudo Portugal, Itália e outros países. Itália porque tinha relação mais fácil, enfim, era mais agradável.

Naturalmente, aqueles camponeses que tiveram coragem de fazer isso nunca entenderam nada e ainda hoje não entendem. Eu, quando vejo o barco Columbus... Era o transatlântico que partia repleto de pessoas da Itália e vinha iniciar uma possibilidade econômico-política de grandeza aqui e também de vantagem para algumas potências europeias. Então, é preciso entrar nesse tipo de história para entender. Em vez disso, vocês ficaram fechados, pequenas cidades. Depois vi que as cidades foram todas construídas em pequenos pontos, por medo, ou seja, se vê que eram pessoas que tinham medo. Essa gente se escondia, Faxinal, Restinga Seca e outros, escondiam-se, estavam longe da estrada, porque tinham medo da guerra, tinham conhecido a Primeira Guerra Mundial, a grande guerra que matou milhões e milhões.

E então se vemos esse Brasil, especialmente da parte Centro-Sul, porque a parte Norte era muito controlada, Estados Unidos etc. Até Getúlio Vargas havia sempre uma secreta amizade entre Brasil e Itália. Secreta. Porém, quando Getúlio Vargas teve que dizer a fantasia, a mentira de que um grande barco havia sido destruído, afundado pelos alemães, não era verdade,



Antonio Meneghetti é também fundador do movimento artístico OntoArte

porém Getúlio Vargas teve que dizer que era verdade para ser protegido da invasão dos Estados Unidos. Getúlio Vargas era um grande homem. E se Getúlio Vargas tivesse seguido adiante, o Brasil hoje seria dez vezes mais desenvolvido. Mas no fim não era livre. Também ele foi morto porque não concordava com o plano inglês-estadunidense. Também foi morto aquele grande presidente de Brasília, Kubitschek. Sim, grande. Porém, não alcançou. Depois os outros presidentes e também válidos se deixaram condicionar pela prepotência, e ainda hoje essa situação existe.

A situação de hoje é: se o Brasil crê na sua autonomia, desenvolve a sua grandeza, a sua riqueza, a modo seu - porque hoje o Brasil pertence a si mesmo, não existe mais o grande jogo - então o Brasil será grande e também um prazer, uma consolação para a Europa, para tantas outras pessoas e, portanto, será uma potência personalizada, concretizada na sua economia, nos seus interesses, mas de modo livre, sem a ocupação do sistema financeiro que, em vez disso, é exclusivamente da América do Norte.

Esse é o quadro geral. Quando vim aqui, descobri alguns italianos, os Meneghetti, por exemplo, e outros, vi que tinham as mãos, a cabeça como os artesãos, como os técnicos que eu conheço em Milão, na Úmbria. E eu disse: "Aqui posso fazer coisas agradáveis." E comecei, porque me agradava. Naturalmente, cada coisa que eu fazia, via-a sempre em perspectiva da obra, ou seja, a obra humanista-científica. O homem, a inteligência do homem, patrão em sua casa, criador capaz do próprio bem-estar, do próprio território de modo integral, ou seja, não apenas a economia e a política, mas também a completude da formação superior filosófica: o homem!

Também a bandeira brasileira é maçônica, mas é bela. Porque o maçom, aquele verdadeiro, é uma superior inteligência. Porque ele não é alguém que reza a Deus, é alguém que ajuda Deus neste planeta. Mas esses homens são de uma outra dimensão, são raros, e sabem que estão aqui para ajudar, para fazer. E depois? Depois se volta à casa para um próximo trabalho. Não morre jamais. O homem, em qualquer modo, quando chega à sua superioridade, é eterno. Muda a forma, mas no projeto da transcendência da ordem da vida é eterno.

Então, eu diria para não permanecer amarrado ao conceito de Quarta Colônia. Encontremos um conceito mais local, mais brasileiro. Deixemos o passado de uma história que causa tristeza. O Brasil hoje é uma outra dimensão. Por exemplo, em campo médico está muito mais adiantado do que a Itália, do que a Alemanha. Tem um serviço, tem um modo de competência. Só que os brasileiros têm a cabeça, têm o instinto de pobres, de inferiores, e nisso são tolos. Ok, ir a Milão, a Veneza, é um turismo simpático. Porém, o grande futuro vocês têm aqui, justamente aqui. Devem desenvolver aquilo que sabem fazer e melhorar sempre.

E, voltando àquilo que fiz desenvolver. Porque no início fazia tudo eu, depois encontrei outros brasileiros aos quais agradei o meu projeto, o meu modo de fazer e também eles quiseram estar próximos. E se estão próximos, se faz luz, sucesso, ganho a Recanto Maestro. O business center, a clínica, a faculdade... A faculdade que está aqui, na formação que dá, eu posso garantir a vocês que é a melhor do mundo. Não existe no mundo uma faculdade que dá uma preparação técnica aos jovens como se dá aqui. E se a grande e famosa Universidade de São Petersburgo, da Rússia, quis fazer um protocolo de intenção com a Antonio Meneghetti Faculdade, é para honrar a si mesma, porque aquilo que se faz aqui, em nenhuma universidade do mundo é possível. Porque falta o tipo de professor, falta a psicologia dos mestres, falta aquele serviço que não é assistencialismo, é um serviço de ganho, é um serviço que faz desenvolvimento, importância da pessoa e depois também do sistema. Virão empresários fazer os seus escritórios, as suas fábricas aqui, em todo o território. Onde existir oportunidade. A prefeitura aqui ajuda. Ah, uma coisa mui-

“ **Cientista.**
Agrada-me entender e fazer aquilo que se pode melhorar.
Somente isso. ”

to importante, para mim, foi sempre o máximo respeito pelas preferências. Máximo respeito, máxima deferência, enfim, faço, desenvolvo grandes coisas, mas sempre dentro da visão burocrática, legal, do lugar, ou seja, a lei do lugar é soberana. Depois, no interior daquela lei, faço aquilo que se pode fazer. Substancialmente, o que tudo isso produz de reflexo, de consequência? Enorme trabalho, dinheiro. Aqui estão trabalhando talvez 200, 250 pessoas. E essa gente que ganha aqui investe na sua casa, compra o carro, melhora a sua família, ou seja, é um bem-estar que corre aqui, porque o modo de pagar aqui é bom. Sempre respeita aquele do mínimo estatal, e depois para mais. Eu escolho o construtor, vejo os operários, ou seja, se dão, se produzem, se fazem algo. Estou atento a evitar aqueles que são preguiçosos, que não fazem nada, e então esses, de modo gentil, de modo legal, os

Recanto Maestro?

Antonio Meneghetti - Por que não em Recanto Maestro? É uma terra virgem que me agradou, ou seja, foi um enamoramento, não foi um cálculo. Agradou-me, um grande homem age dentro da linha do seu prazer de ação. Porque quando eu estou aqui, vejo música! Uma orquestra... as águas, terrenos... Para mim, é igual ao território que a Bíblia descreve quando Deus criou o paraíso terrestre para Adão. Existem os dois rios, existe isto, aquilo... É uma terra extraordinária ainda virgem. A selva, as árvores, estas águas, estas flores... Isso vale mais que o ouro. No mundo se perdeu aquilo que vocês aqui ainda têm como abundância. As pessoas são simples, porém existem belas inteligências que eu ajudo a desenvolver melhor. Do vidro à madeira, à construção, ao refinamento. Isso, na Europa, é impossível hoje. Aqui é possível, por-

deve ganhar muito. Porque o empresário ganha e, por consequência... Então, um empresário faz a sua empresa em Porto Alegre, em São Paulo. Ok, mas quando os operários, os técnicos, os diretores devem ir da casa à fábrica, perdem algumas horas no tráfego. Depois, o estacionamento. Substancialmente, uns 50% o empresário perde em situações fechadas. Você veio pra cá, foi rápido! Belo passeio, mas se nós devêssemos nos encontrar em São Paulo, seria complicado. Não apenas o avião, o hotel, mas depois uma vez chegado em Guarulhos, é tráfego, isto e aquilo. É tempo, é despesa tola. Suponhamos, a Beira Rio faz uma fábrica aqui próximo ou em Candelária, não sei. Por que faz aqui? Porque existem pessoas que têm mãos, sabem fazer sapatos. Aqui não há a despesa do transporte, nem para o patrão nem para os operários. Estão todos em casa. Bela casa, bela na-

permercado de São Paulo ou de Santa Maria, você está sempre fechado, é complicado onde deixar o automóvel, depois isto e aquilo. Aqui, você vai com o carro onde quiser, ao restaurante, ao bar. Isso é um ponto de economia avançada. E devo dizer que outros grandes empresários viram esse modo, entenderam o meu modo de mover a economia, como se faz, qual é o ponto. Porque também um negócio depende em qual ponto você o coloca. Se você faz um bom negócio, deve colocar naquele lugar, naquela estrada, então as pessoas vão, mesmo que não entendam, porém existe o instinto do prazer, da liberdade, do belo. E aqui, nesta região, tem tudo. Não somente tem tudo, mas tem muito, muito mais. É claro que uma grande fábrica, talvez a mais famosa do Brasil, que faz apenas camisas, se se transfere para cá, as despesas diminuem 50% e se vende mui-



Professor recebeu em sua casa o diretor presidente Roberto Cervo, vice-diretor Henrique Cervo, jornalista Paulo Paixão e o apoio da equipe do Recanto Maestro

deixo. E busco ter próximos os melhores artesãos, competentes, isto é, no fim, Recanto Maestro será um ponto que não existe maior, por arte, por ciência, por filosofia, no mundo. Não pode existir. Porque aqui se criou um núcleo de talvez 50, 60 professores que trabalham com tudo de si mesmos, dando o melhor que podem dar aos estudantes, a toda a organização.

Por exemplo, no recente evento “Mulher e Poder”, havia aqui 1.500 pessoas, empresários, trazidos de cada parte do Brasil. 1.500 pessoas, sobretudo mulheres válidas, aqui no Recanto! Não em São Paulo, não em Brasília. Aqui! E isso é grandeza, é primado.

JCV - Qual é a essência, o escopo principal, a razão de ser deste projeto? Por que

que criei, também ajudei, desenvolvi uma maestria que me segue. Também esta mesa que vemos aqui, esta é uma mesa de desenho gaúcho. Agradou-me esta cadeira na qual você está sentado e a fiz reconstruir porque este é um desenho de um arquiteto gaúcho. Vi ela, chamei o Meneghetti, disse para fazermos assim e assim, e depois a mesa façamos assim, assim... É sempre um gosto superior fazer arte aqui. Eu sinto o infinito, o espírito. Consequentemente, é claro que vem também tanto dinheiro.

JCV - O que ganha um empresário que decide investir neste projeto?

Antonio Meneghetti - Ganha porque dentro existe o meu conselho, ou seja, eu dou o conselho porque o empresário

tureza, higiênica, se respira bem, se está bem. Substancialmente, existe um grande ganho, quase 50% de despesas diminuídas. E depois, hoje, o mercado vai aonde existe o serviço. Se você faz um supermercado aqui, será sempre cheio. Não em Faxinal, não em Santa Maria... mas em um lugar qualquer desta campanha. Um lugar livre. As pessoas correm sábado e domingo em modo de milhares de pessoas, porque querem férias, o passeio, um pouco de perfume de chácara, de campanha, ou seja, as pessoas têm necessidade de turismo sadio com a natureza.

Esse é o ponto econômico que eu desenvolvi em tantos países, e produz riquezas enormes. Porque as pessoas querem ir, querem se encontrar. Então se você vai às compras em um su-

to mais. O mundo, as pessoas vão onde se está melhor. Querem o bom restaurante, querem o bom spa, querem o negócio onde podem olhar, não necessariamente comprar, talvez porque não se tenha dinheiro, porém olhar já é ser proprietário de algo diverso, superior. Portanto, eu carrego também uma revolução que funciona, em qualquer lugar funcionou. E está andando forte. Construí um centro fantástico próximo ao Cazaquistão, que está longe de qualquer cidade em 100, 150 km. Mas todo o mundo vai lá! Porque lá existe a superioridade, existe aquele hotel, existe aquela universidade. Uma universidade mais bonita do que esta, muito mais bela. E você se encontra em ambientes solares, únicos. Também o pequeno homem, todos querem a superioridade. Todos.

JCV - O senhor já comentou um pouco sobre a Antonio Meneghetti Faculdade, qual legado a instituição deixa para o estudante que passa?

Antonio Meneghetti - Homens novos, novos capazes de seu possível futuro aqui no Brasil e no mundo. Eu já uso alguns brasileiros para ensinar na Rússia, para ensinar na Itália, porque sei que são capazes.

JCV - Como surgiu a ideia de construir a faculdade aqui?

Antonio Meneghetti - Inevitavelmente, é uma necessidade. Eu, a primeira coisa que procuro fazer em um local é a universidade, a faculdade, porque a universidade é o trait d'union, é a conexão entre ação e pensamento científico, pensamento humanista, pensamento filosófico, pensamento de uma superioridade, claro, de inteligência do homem, que é o sumo bem que existe neste planeta.

JCV - O que garantirá a perpetuidade e o crescimento constante do Recanto Maestro nas próximas gerações?

Antonio Meneghetti - A formação de grandes colaboradores. Serão eles grandes, e já fazem tudo eles.

JCV - E como se dá o processo de sucessão da obra?

Antonio Meneghetti - Existe uma transformação pedagógica que se faz, ou seja, não é que alguém para ensinar aqui fará de qualquer modo. Não, existe uma pedagogia, existe uma transformação, isto é, o professor deve fazer um training de autoaperfeiçoamento, de autenticidade, ou seja, antes de tudo deve ser um homem completo, depois deve ser um técnico completo. Deve saber ser a si mesmo e, por consequência, saberá dar aquilo que é o melhor aos outros, aquilo que o outro tem necessidade.

O homem, se educado bem, se levado ao seu destino natural interior, é imenso. Aqui, vêm à escola, suponhamos, 100 estudantes. A mim bastam três ou quatro que chegarão grandes e estes farão a eternidade da obra.

JCV - Em sua biografia, na sua página oficial na internet, há um questionamento: "o homem pode saber o ser que é?" Como o senhor responde a essa pergunta?

Antonio Meneghetti - É assim. O que devo explicar? É assim. Existe uma outra dimensão. É uma dimensão transcendente que é clara para alguns grandes homens. Esses homens devem fazer participação dessa dimensão do ser. Eu sei que aqui é difícil entender, mas, como dizia ontem, por exemplo, a Ontopsicologia, se usada na China, é suma, porque os chineses têm já de base uma formação do tao. O tao é o Ser. Eu sei que para vocês é difícil entender o que é o ser. Ninguém entende.



Antonio Meneghetti e Henrique Zago Cervo

Porém, existe, é operativo. Se está com ele, consegue encontrá-lo, é dentro de você, porém é dentro de você em modo virtual, potencial, é preciso trabalhar, fazer sacrifícios. Isto é, você deve fazer um desenvolvimento continuamente, cada dia àquilo que vê o melhor de si mesmo. "O que faço? Isto". Está todo ali o poder. Qualquer homem, sem a intimidade, sem a imanência do ser, é nada, não tem consistência.

Eu sou realmente um sumo acadêmico. Não creio que exista um outro acadêmico igual, que tenha uma formação em vários campos como eu. Porque são quatro doutorados. Me encontre um outro cientista, nos Estados Unidos, onde você quiser, que tenha quatro doutorados completos. Isso significa que eu me submeti a exames, à formação de conselhos de ciência em diversos campos, expus-me como discípulo, aluno, e aprendi o máximo daquilo que podia dar a filosofia, a sociologia, a psicologia, a teologia, ou seja, existe um homem de uma cultura total, bem precisa, muito clínica. Uma capacidade de ação em consequência ao saber que sou.

Aqui ainda não faço isso, não. Quando eu exponho em nível ponta aquilo que é o pensamento científico da Ontopsicologia, isso por ora faço somente na Itália e em Genebra, na Suíça, porque ali existe um conjunto de pessoas que têm uma preparação superior no campo acadêmico. "Acadêmico" é um conceito que aqui no Brasil não se compreende em profundidade, porque vocês dizem "academia"

“ O homem, se educado bem, se levado ao seu destino natural interior, é imenso. ”

também a quem faz esporte. Não. "Acadêmico" significa o máximo nível de saber e tem origem no período grego. Era uma corrente de importantes filósofos que sabiam racionalizar, sabiam criticar. Era um nível aristotélico.

JCV - Em alguns depoimentos, as pessoas o definem como cientista, músico, pintor, escritor, intelectual... Como o senhor se descreve?

Antonio Meneghetti - Cientista. Agrada-me entender e fazer aquilo que se pode melhorar. Somente isso. O resto é um meu narcisismo. Claro, quando faço música, é um nível máximo, quando faço arte, é um nível máximo, ou seja, sei fazer bem essas coisas porque sempre as vivi, sempre fiz e tive a fortuna de estudar em Veneza, Roma, Florença... Depois em algumas pequenas cidades de civilização superior, como Gúbio, Assis. Isto é, significa que eu vivi por anos em contato, por exemplo, com a mesa feita por Rafael Sanzio, ou seja, a mesa na qual eu estudava havia sido desenhada por Rafael ou por Michelangelo.

JCV - Por que, para muitas pessoas, é difícil compreender a Ontopsicologia?

Antonio Meneghetti - É impossível. E isso é normal.

JCV - Qual o significado da Ontopsicologia na vida do senhor?

Antonio Meneghetti - Tudo. Primeiro a Ontopsicologia, depois eu. Porque é o conhecimento que salvou também a mim, que me deu a consistência, a segurança. Porque quando eu fazia clínica, os dez anos de psicoterapia, eu curava tudo, sem apoio de medicamentos, de médicos. Os médicos estavam próximos de mim para aprender, mas eles queriam a técnica externa. Não dá, não é possível. Você deve

sabê-la de dentro.

JCV - Uma das belezas do Recanto Maestro é a arquitetura, de estilo OntoArte. De onde surgiu a ideia dessa arquitetura?

Antonio Meneghetti - Aqui. Porque eu, primeiro, era e sou muito capaz no restauro, no recolocar no lugar edifícios romanos, edifícios medievais, como deve ser a pedra, o ponto preciso, etc. Mas este tipo de arquitetura nasceu somente aqui. Na Rússia faço outra arquitetura. É uma arquitetura mais rica, estilo século XVIII, do czar Pedro I, o Grande. Agrada-me superá-la. Portanto, um grande edifício, nobre, belo, clássico. E em outros países é diferente. Mudo segundo os lugares, não tenho uma arquitetura fixa. Esta aqui é uma arquitetura nova, jovem, muito jovem, e talvez alguma inspiração peguei de Oscar Niemeyer. Quando ele fez Brasília, vi algumas coisas que me agradaram. E quando conheci Oscar Niemeyer, que eu dizia que era muito capaz, mas depois, no fim, ele me disse: "Sou feliz de ter encontrado um grande". Mas encontrei Oscar Niemeyer já velho. A arquitetura de Oscar Niemeyer se formou na Rússia, por isso permaneceu sempre um pouco comunista.

JCV - Aproximadamente, quanto foi investido até hoje no Recanto Maestro?

Antonio Meneghetti - Em euros, 15, até 20 milhões de euros. Mas com felicidade. Porque o Brasil não tem necessidade de ser colonizado por mim, não, não. O Brasil é grande sozinho.

JCV - Como o senhor vê o Brasil hoje em relação aos outros países?

Antonio Meneghetti - Repito o que disse anteriormente: se o Brasil souber salvar, man-

ter, defender a sua personalidade política, sobretudo diante dos Estados Unidos, será grandíssimo. Se se deixará condicionar, Rede Globo, televisão... tudo está contaminado. Tudo está contaminado pelo sistema estadunidense. E isso é uma ruína para a pedagogia dos nossos jovens. Por exemplo, no Brasil vocês têm grandes atores que vocês não sabem usar. Quando fizeram o filme O Quatrilho, por exemplo, é um filme fantástico, tipicamente brasileiro, tipicamente histórico. Aquele é o Brasil. Um escritor, por exemplo, que me agrada, brasileiro, é Mário de Andrade. É forte.

O ponto está todo aqui: hoje se está em perigo da invasão do sistema porque bancos, cartão de crédito são uma prótese que está dominando a realidade brasileira, e por isso o débito aumenta, está aumentando. Mas eu já havia dito isso há 5, 6 anos. Esse é um grave perigo, essa facilidade que os bancos dão. Isso levará débito para todos. E hoje se deve investir somente em economia real, o campo, a casa, a fábrica, o negócio que produz dinheiro. E vocês aqui são ricos, têm tantas propriedades. Não devem entrar no sistema do banco, porque depois irão regredir.

O Brasil tem tanta história, devem começar a estudá-la. De toda forma, eu dei o quadro geral. É esse e basta.

JCV - Professor, se tivesse que retornar 25 anos atrás, o que faria diferente do que foi feito?

Antonio Meneghetti - Nada. Porque a primeira coisa, o problema que eu tinha aqui, era aquele de relacionamento político, ou seja, ser aceito. Mesmo se soube que algumas pessoas de Faxinal, de Santa Maria, foram para a Itália ver quem eu era. Sim, e viram quanto eu era grande. Ali ficaram impressionados. Porém, o maior problema era a adaptação à psicologia, normal. Onde quer que se vá, deve-se antes procurar ser aceito pelo ambiente. Se não se é aceito, é melhor ir embora.

“ Com o italiano vocês ganham o seu grande passado. ”

Agora, aos poucos, de Faxinal eu tiraria aquele barco Columbus. Sim, é verdade, mas é um passado triste, pobre. A Itália é gênio! Nenhum país no mundo tem a completude de gênio como tem a Itália. Gerais, cientistas, artistas, navegadores, existe tudo. Sumos. Quem descobriu? Cristóvão Colombo. Um italiano. Mas não é possível que vocês não devam retomar as suas origens? Por exemplo, nas escolas, depois do português, uma ótima língua, devem estudar italiano e inglês. Com o italiano vocês ganham o seu grande passado.